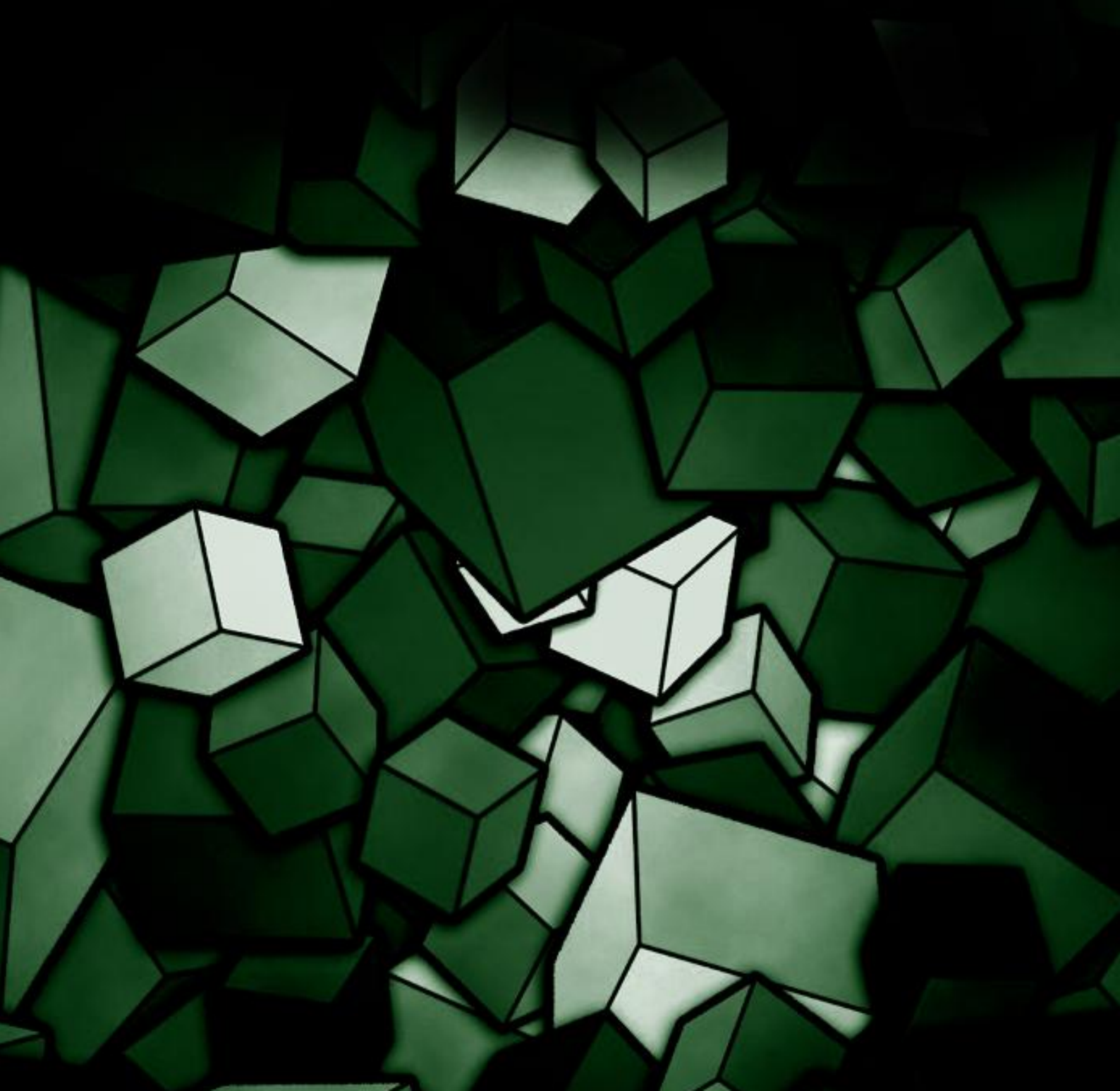


#INOVAUNIFAP

Newsletter do Núcleo de Inovação e Transferência de
Tecnologia da Universidade Federal do Amapá

no. 5 | 2016

www2.unifap.br/nitt





#INOVAUNIFAP: NEWSLETTER DO NITT/UNIFAP

No. 5 | 2ª Quinzena de Agosto de 2016



<http://exame.abril.com.br/pme/noticias/o-que-as-aceleradoras-brasileiras-procuram-nas-startups>

O que as aceleradoras brasileiras procuram em um negócio

O PANORAMA DAS ACELERADORAS NO BRASIL

Estudo da FGV traçou um panorama das aceleradoras no Brasil

"As aceleradoras atraem e selecionam startups com alto potencial de impacto para ajudá-las a criar valor e ganhar escala"
 Estudo da FGV

- 45** aceleradoras de startups foram localizadas pela pesquisa da FGV; **31** delas participaram deste estudo.
- 1.100** startups já haviam passado por aceleração no país até janeiro de 2016.
- R\$ 45 mil a R\$ 225 mil** é a faixa média de valores investidos por startup.
- 8% a 30%** é a faixa média de participação na startup exigida pelas aceleradoras.

EM QUAIS ÁREA ELAS MAIS INVESTEM?

Porcentagem de aceleradoras que possuem negócios em cada área*

Tecnologia/TI	83,9%
Educação	77,4%
Comércio e Serviços	67,7%
Financeiro	61,3%
Indústria	61,3%
Agronegócio	58,1%
Turismo	45,2%
Outros	32,3%

QUANTAS ACELERADORAS O BRASIL TEM?

● Quantidade de aceleradoras em valor acumulado ● Quantidade de aceleradoras criadas a cada ano

ONDE ELAS ESTÃO?

71% São da região Sudeste.

52% Apenas em São Paulo, o estado com mais aceleradoras.

Não foi identificada nenhuma aceleradora no Centro-Oeste.

E QUANDO ELAS NÃO INVESTEM?

Motivos alegados por aceleradoras para não investir em startups*

Equipe inadequada	93,5%
Demanda ineficaz	51,6%
Falta de escalabilidade	51,6%
Falta de inovação	35,5%
Falha no modelo	12,9%
Outros	12,9%

* É possível selecionar mais de uma opção.

Estudo produzido pelo professor Newton Campos e pelo pesquisador Paulo Abreu, no Centro de Estudos em Private Equity e Venture Capital e no Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios, ambos da FGV/EAESR.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA
Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02. Centro Integrado de Pesquisa e
Pós-Graduação. Jardim Marco Zero, Macapá - AP. CEP 68.903-419.
nitt@unifap.br | +55 96 4009 2803 | www2.unifap.br/nitt



Estratégias
de negócios
e TI para
líderes
corporativos

<http://cio.com.br/tecnologia/2016/08/16/realidade-mesclada-junta-o-melhor-das-tecnologias-virtual-e-aumentada/>

Realidade mesclada junta o melhor das tecnologias virtual e aumentada

Bem-vindo a uma nova maneira de experimentar interações e ambientes físicos e virtuais por meio de um conjunto de tecnologias de digitalização e sensores futuristas

Brian Krzanich *

Publicada em 16 de agosto de 2016 às 16h32

Ao longo dos últimos anos, a realidade virtual (VR) e a realidade aumentada (AR) foram popularizadas. Mesmo com todas as tecnologias VR e AR disponíveis atualmente, é desafiador mesclar os movimentos e ambientes físicos da vida real com os objetos, ambientes e ações virtuais simuladas. Nesse ponto, a atual realidade virtual não é assim tão virtual. Muitas vezes você precisa de um complexo conjunto de consoles, diversos sensores e câmeras e controladores de mãos. Quer dizer – até agora.

Bem-vindos à realidade mesclada (merged reality, na sigla em inglês), uma nova maneira de experimentar interações e ambientes físicos e virtuais por meio de um conjunto de tecnologias de digitalização e sensores de próxima geração.

A realidade mesclada fornece experiências do mundo real de forma mais dinâmica e natural do que nunca – e possibilita experiências impossíveis no mundo real.

Pegue a sua raquete de tênis do mundo real, em sua sala de estar, e entre virtualmente na quadra de Wimbledon. E para isso, esqueça o custo de instalar sensores de primeira linha em cada canto da sala, normalmente necessários para digitalizar o seu ambiente. Ao invés disso, apenas comece a praticar o seu movimento de backhand – levando tanto a sua mão, quanto a sua raquete, para o campo virtual. Desfrute de liberdade total no seu movimento e faça a sua jogada virtual, sem bater na mesa de centro do mundo real, a apenas alguns metros de distância.

Ou ainda, seja o melhor maestro – totalmente unplugged. Livre-se do cabo e escolha a sua própria experiência musical. Toque um piano virtual com uma mão e um violoncelo com a outra. Isso mesmo: toque dois instrumentos ao mesmo tempo – algo impossível no mundo real até para os mais talentosos músicos. Reinvente o mundo a sua volta. Vá de onde você não está para onde você nunca poderia chegar. E faça isso sem controles complicados, mas com as suas próprias mãos no seu campo de visão virtual.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA
Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02. Centro Integrado de Pesquisa e
Pós-Graduação. Jardim Marco Zero, Macapá - AP. CEP 68.903-419.
nitt@unifap.br | +55 96 4009 2803 | www2.unifap.br/nitt

Planeje a sua visita virtual à Capela Sistina sem nunca sair do escritório. Levante-se da sua mesa e confidencialmente envolva-se no esplendor digitalizado de Michelangelo – olhando para cima para ter uma visão melhor – sem tropeçar na mesa de conferência na sua frente. Em outras palavras, aprecie os espaços virtuais, sem tropeçar no mundo real.

Experimente um evento esportivo, um show ou uma cena de um filme de qualquer ponto de vista – e em qualquer posição. Entre em campo e vá direto para dentro da área, ou entre na roda, olhando sobre o ombro do quarterback para saber a jogada antes do jogo recomeçar. Suba ao palco com a sua banda favorita e sinta o amor dos fãs do ponto de vista deles. Escolha a sua experiência e navegue nela. Tudo depende de você. O mundo virtual não precisa ser virtual, ele pode ser real.

Tudo isso – e muito mais - é possível com a realidade mesclada. Ela reúne cinco avanços tecnológicos, que em breve estarão disponíveis para os desenvolvedores, criadores e inventores.

6 Graus de Mobilidade. A realidade mesclada aumenta dinamicamente a liberdade de movimento em espaços virtuais 3-D com o mundo real. Em outras palavras: trata-se das tecnologias de sensores que ajudam a garantir que ao mesmo tempo em que você está experimentando o mundo virtual, você não esteja se chocando com nada do mundo real.

Rastreamento integrado. A realidade mesclada reduz a necessidade por conjuntos caros e complexos de sensores externos que traduzem os ambientes do mundo real para as representações digitais. E ela faz isso ao incluir tecnologias de sensores, como as câmeras Intel RealSense, ao seu headset e outros dispositivos inteligentes e conectados. O resultado será a proliferação, a disponibilidade e a portabilidade ainda maior das experiências VR e AR.

Manipulação mais natural. A realidade mesclada aborda maneiras mais naturais de manipular e interagir com ambientes virtuais – ao liberar você dos controles e complicações dos atuais sistemas VR, envolvendo as suas próprias mãos – as suas mãos do mundo real – em suas experiências simuladas, graças às novas tecnologias de sensores que estarão disponíveis em breve.

Vá livre. A realidade mesclada “corta o cabo da VR”, permitindo que você fique totalmente livre de consoles e controles. Claro, os gamers mais exigentes, que apreciam a agilidade dos sistemas com cabos, continuarão a desfrutá-los, com avanço e melhoria de qualidade constantes. Mas agora nós temos a opção de experimentar nossos mundos virtuais em espaços maiores e sem os cabos. Chega de problemas na sua experiência VR porque acabou o cabo.

Conteúdo do mundo real digitalizado. A realidade mesclada vai além do conteúdo gerado por computador. Ela traz a parte física do mundo real para dentro do mundo digital, com poder computacional. Ao invés de um único ponto de vista, avanços, como as tecnologias de replay em 360 graus da Intel, usam vídeo codificado e avançados algoritmos de composição no



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA
Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02. Centro Integrado de Pesquisa e
Pós-Graduação. Jardim Marco Zero, Macapá - AP. CEP 68.903-419.
nitt@unifap.br | +55 96 4009 2803 | www2.unifap.br/nitt

conteúdo capturado por um conjunto de câmeras para digitalizar todos os campos e locais de jogos – de qualquer posição, de qualquer ponto de vista e com uma capacidade de interação melhorada. Esta é uma grande mudança para todo o segmento de realidade virtual e aumentada. Você escolhe a experiência e consegue navegar pelo conteúdo do mundo real de novas maneiras.

Para transformar em realidade hoje as experiências computacionais verdadeiramente imersivas do futuro, os desenvolvedores, criadores e inventores precisam dessas tecnologias mais avançadas de hardware e software da realidade mesclada. É por isso que a Intel está trabalhando em parceria com outras empresas tecnológicas líderes para compartilhar tecnologias como a RealSense e a de Replay da Intel e o primeiro Projeto Alloy Head-Mounted Device (HMD) do tipo. Na hora de decidir, por que você escolheria limitar a sua realidade – quando a nova realidade é que você pode ter tudo? Com maior mobilidade, rastreamento integrado e altas capacidades de reconhecimento dos movimentos humanos, a realidade mesclada afetará profundamente a maneira como trabalhamos, desfrutamos o entretenimento e nos comunicamos.

Então, independentemente de você estar procurando experimentar a realidade aumentada ou a realidade virtual, a sua liberdade no mundo de sua preferência depende de como você mescla as suas realidades e as tecnologias que lhe permitem sair do mundo físico e entrar no mundo virtual, e do virtual para o físico. Estamos caminhando rapidamente para um mundo onde a barreira entre o digital e o físico está sumindo, se misturando de novas e empolgantes maneiras.

(*) Brian Krzanich é CEO da Intel



The New York Times

http://www.nytimes.com/2016/08/18/business/smallbusiness/an-ecosystem-where-start-ups-help-other-start-ups.html?em_pos=large&emc=edit_sb_20160817&nl=entrepreneurship&nid=76287395&ref=headline&te=1&r=0

An Ecosystem Where Start-Ups Help Other Start-Ups

By JOHN F. WASIKAUG. 17, 2016

Shradha Agarwal and Rishi Shah are co-founders of ContextMedia, a health care media company in Chicago. They made a point of financing and mentoring other start-ups. Credit Whitten Sabbatini for The New York Times

When start-ups begin, it's akin to Joseph Campbell's mythical hero's journey. Instead of battling hydras and gorgons alone, entrepreneurs often help each other face obstacles like entrenched markets, financing and abject fear of failure.

It is a symbiotic relationship that makes sense to Shradha Agarwal and Rishi Shah, both 31 and co-founders of ContextMedia, a health care media company in Chicago. The two entrepreneurs are expanding their 10-year-old company, which they started when they were students at Northwestern University. They have made a point of supporting other start-ups by financing an angel fund called Jumpstart Ventures. The fund has backed more than 45 businesses, giving \$20 million since 2011.

Although there are no precise estimates on how many such ecosystems exist, the Kauffman Foundation, a research organization focusing on entrepreneurship, found that nearly every one of the more than 360 major metropolitan areas in the United States had such a network in place.

ContextMedia provides customized health care information on screens at doctors' offices and other sites. Doctors can show patients digital 3-D anatomical diagrams of procedures using ContextMedia "wallboards" or tablets. Their material is now viewed by more than six million patients a month at 25,000 medical practices or health care locations.

The company is also working with the Mayo Clinic to bring their media content directly to hospitals and physician offices.

More than 400 people work at the company, whose revenue last year was \$63.5 million. It hopes to add more than 200 workers by the end of the year.

Although ContextMedia has made inroads into a notoriously difficult market to crack — doctors' waiting and examination rooms — it was done without venture capitalists, who



weren't willing to take a risk, Ms. Agarwal said. Support from the Chicago entrepreneurial community not only got her company started, but it also helped the company clear some high hurdles.

Professors at Northwestern first helped Mr. Shah and Ms. Agarwal. And the founders "bootstrapped," or self-funded, their enterprise during the recession.

"In 2008-2009, we slowed down," Ms. Agarwal said, "so we had to reconnect to our journey, which was our passion for changing health care." With the Jumpstart fund, she says she now wants to "pay it forward" to other entrepreneurs.

These support systems need to be diverse to be effective, though. According to the World Economic Forum, which surveyed more than a thousand entrepreneurs around the world, what start-ups value most are accessible markets, funding, regulatory framework, an educated work force and major universities. That doesn't mean, however, that the network always provides robust financial backing from big-money players like large venture capital firms.

An ecosystem also offers social and psychological support. What fuels entrepreneurial success, Ms. Agarwal noted, are passion and purpose. When she started her company, she wanted an enterprise that would have a positive social and personal impact. She started with diabetes education, a disease that affected both her and Mr. Shah's relatives in India.

When Ms. Agarwal interviews candidates for the Jumpstart Ventures portfolio, she wants to find like-minded people who are "passionate about their mission."

Mert Iseri, co-founder and chief executive of SwipeSense, a company focused on reducing hospital infections, was someone who fit the bill. Also a former Northwestern student, he met Ms. Agarwal in 2012.

Mr. Iseri, 28, was focused on providing a digital hand hygiene solution to combat the 100,000 annual deaths in the United States from hospital-acquired infections. Such infections cost \$28 billion a year in related health care expenses.

"Shradha became our first investor and gave us our first check for \$25,000 and employed 'radical candor,'" in her mentoring, Mr. Iseri said. That included discussions about tough decisions that had to be made when building a business, such as hiring, firing and determining long-term goals.

"It is always difficult to fire someone," Mr. Iseri said. He described one situation where a sales representative was a high performer but didn't fit the culture at SwipeSense. "Shradha was very clear; her direct feedback was to part ways right then and there, and she highlighted that no amount of short-term results can justify holding on to folks who won't be long-term members of the team."



SwipeSense's initial presentation at Healthbox, a Chicago-based incubator, raised \$1 million in 2011 after one of its first demonstrations. Mr. Iseri credited Ms. Agarwal's continuing support with helping his company secure more than \$12 million through several rounds of financing.

Mr. Iseri would not disclose his company's sales but said it had "annual revenues in the seven figures" and was "experiencing significant month-over-month growth" with its customers.

Ms. Agarwal, her employees, co-investors and angel investors have also bolstered entrepreneurs by simply being nearby and giving direct guidance.

For instance, ContextMedia provided office space to Packback, which offers online learning communities and digital textbooks for college students. Ms. Agarwal and ContextMedia employees often interacted with the firm's workers to offer advice.

"We've been in seven office spaces since we were founded four years ago," said Jessica Tenuta, a co-founder and head of design of Packback. "Shradha showed us how to hire and incorporate our values while mentoring us. We made great connections while being in their space."

Packback now has 24 employees and a \$250,000 investment from Mark Cuban, who took a 20 percent stake in the company after the co-founders presented on the reality show "Shark Tank" two years ago.

Ms. Tenuta and Packback's co-founders — Kasey Gandham, Nick Currier and Mike Shannon — have also garnered support in other ways. The company works with 1871, a business incubator in Chicago that offers classes, co-working spaces and access to venture capitalists.

Ms. Tenuta did not disclose her company's sales revenue but said the firm expects to have 30,000 students using Packback in the 2016-17 school year, up from 10,000 students in the previous year.

For their part, Mr. Iseri and Ms. Tenuta were inspired by their experiences to mentor other start-ups. These may be at university-based or private incubators and accelerators, in co-working environments or through other angel investors and venture capitalists.

Ms. Agarwal characterized the payoff as "the communal support through learning, wellness and volunteer opportunities."

She added that her enterprise and those she backs have "a bias toward action and scaling to the market." That means an entrepreneur's vision must eventually translate into revenues, profit, growth and a commitment to giving back to the community and other entrepreneurs.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA
Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02. Centro Integrado de Pesquisa e
Pós-Graduação. Jardim Marco Zero, Macapá - AP. CEP 68.903-419.
nitt@unifap.br | +55 96 4009 2803 | www2.unifap.br/nitt

The network of support offered by start-up ecosystems, though, won't get entrepreneurs entirely past the fear of failure and rejection. A plunge into the unknown is part of making it past those perilous first years.

“When I was a girl, my mother pushed me into the deep end of a pool to get me to swim,” recalled Ms. Agarwal, who grew up in India. “She said it was the only way to learn. She was one of four daughters in her family, all of whom were pushed to earn college degrees by my grandmother.”

If Ms. Agarwal and her peers succeed, their companies will also contribute to social good such as better medical education and improved health outcomes.

They will, in her words, be “solving problems worth solving.”



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA
Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02. Centro Integrado de Pesquisa e
Pós-Graduação. Jardim Marco Zero, Macapá - AP. CEP 68.903-419.
nitt@unifap.br | +55 96 4009 2803 | www2.unifap.br/nitt



Estratégias
de negócios
e TI para
líderes
corporativos

<http://cio.com.br/tecnologia/2016/08/23/4a-revolucao-industrial-doze-consideracoes-sobre-o-cenario-brasileiro/>

4ª Revolução Industrial: Doze considerações sobre o cenário brasileiro

Déficit de competências tecnológicas atrasa migração para fábricas digitais, revela estudo da Accenture

Da Redação

Publicada em 23 de agosto de 2016 às 08h09

Embora uma grande parcela de empresas de manufatura já tenha implementado plataformas digitais, mais de metade (51%) não possui as habilidades necessárias para operar fábricas digitalizadas. De acordo com o estudo "Cracking the Code on the Digital Factory" ("Decifrando o código da fábrica digital", em Português), da Accenture, as indústrias mais bem-sucedidas nessa tarefa possuem estratégias avançadas para habilitar o que a consultoria classifica como "a força de trabalho do futuro".

O relatório foi elaborado com base em um estudo global realizado com 450 empresas e revela que o déficit crescente de competências é uma das maiores preocupações das companhias - uma situação que se agravou nos últimos anos, com o uso maior de tecnologias de análise e mobilidade. O estudo focou em 10 setores, incluindo automotivo, comunicações, produtos de consumo, eletrônicos e alta tecnologia, produtos industriais, ciências da vida, petróleo & gás, produtos químicos, recursos naturais e serviços públicos. Mais da metade dos entrevistados (57%) são executivos de nível C de organizações com receitas anuais entre 500 milhões de dólares e 50 bilhões de dólares. A Accenture fez este estudo pela última vez em 2013.

De acordo com o estudo, 55% dos respondentes (um aumento de 38% em relação a 2013) relataram a falta de competência tecnológica entre os colaboradores que precisam operar máquinas e equipamentos digitais cada vez mais avançados, como impressoras 3D ou ferramentas de modelagem e simulação no chão de fábrica.

Além disso, 60% das manufaturas (um aumento de 31% comparado a 2013) citaram a escassez de trabalhadores com habilidades no uso de análise de manutenção preditiva, que utiliza dados de sensores incorporados em um ambiente machine-to-machine (máquina a máquina).

"Para os fabricantes atingirem o valor potencial total das fábricas digitais, eles precisam redefinir sua força de trabalho para incluir novas técnicas de produção, como raciocínio analítico e apoio à decisão estimulado por dados", afirma Russ Rasmus, diretor executivo da Accenture Strategy. "O desenvolvimento de uma estratégia ampla de talentos, que inclua novas competências digitais, é fundamental para os atuais fabricantes."



Líderes digitais

A pesquisa identificou um pequeno grupo de manufaturas (8%) que superou seus concorrentes, aumentando a produção e a rentabilidade em mais de 10% desde 2013. Esses "líderes" são mais propensos do que seus concorrentes a compreender quais são as novas habilidades necessárias para o crescimento e sucesso futuros, além de terem uma estratégia mais eficaz para atrair, desenvolver e a essa nova geração de talentos.

A maioria desses líderes (73%) relatou ter as competências digitais necessárias, em comparação com 49% de outros fabricantes; e quase 50% deles informaram ter um maior grau de visibilidade sobre as habilidades que precisam.

"Isso possibilitou que a maioria dos líderes (81%) alcançasse uma maior mobilidade interna da força de trabalho em papéis envolvendo o digital, permitindo-lhes combinar colaboradores com gestores que precisam dessas habilidades", justifica o relatório.

"Para os fabricantes atingirem o valor potencial total das fábricas digitais, eles precisam redefinir sua força de trabalho para incluir novas técnicas de produção, como raciocínio analítico e apoio à decisão estimulado por dados", avalia Russ Rasmus, diretor executivo da Accenture Strategy. "O desenvolvimento de uma estratégia ampla de talentos, que incluía novas competências digitais, é fundamental para os atuais fabricantes."

Líderes de fábricas digitais

A pesquisa identificou um pequeno grupo de fabricantes (8%) que superou seus concorrentes, aumentando a produção e a rentabilidade em mais de 10% desde 2013. Esses "líderes" são mais propensos do que seus concorrentes a compreender quais são as novas habilidades necessárias para o crescimento e sucesso futuros, além de terem uma estratégia mais eficaz para atrair, desenvolver e a essa nova geração de talentos.

A maioria desses líderes (73%) relatou ter as competências digitais necessárias, em comparação com 49% de outros fabricantes; e quase 50% deles informaram ter um maior grau de visibilidade sobre as habilidades que precisam. Isso possibilitou que a maioria dos líderes (81%) alcançasse uma maior mobilidade interna da força de trabalho em papéis envolvendo o digital, permitindo-lhes combinar colaboradores com gestores que precisam dessas habilidades.

Barreiras para o sucesso

Embora essas fábricas digitais estejam capacitadas com inovações tecnológicas de rápido desenvolvimento, o aspecto tecnológico da sua implementação não é a maior barreira para o sucesso. Segundo a pesquisa, 75% dos desafios de implantação citados pelos entrevistados estão relacionados com competências, talento dentro da organização, mudança ou estrutura organizacional.

Principais obstáculos que impedem a adoção do digital pelos fabricantes



"Os fabricantes devem gerenciar de forma agressiva estes obstáculos não técnicos, à medida que implantam suas habilidades de fábrica digital. Estas incluem a capacidade de criar novos processos, liderar equipes compostas de trabalhadores e máquinas e atualizar constantemente os programas de treinamento ", destaca Rasmus.

Cenário Brasil

- 64% das manufaturas locais afirmam que já implementaram, ou estão em processo de implementação, de sua base digital. Globalmente, 70% das empresas estão no mesmo estágio;
- 70% das empresas manufatureiras brasileiras já implementaram, ou estão em processo de implementação de tecnologias para mobilidade, porcentagem ligeiramente mais elevada que o total global (68%);
- 67% já implementaram, ou estão em processo de implementação, de tecnologias para análise de operações e monitoramento de processos (globalmente: 71%);
- 43% das companhias nacionais já implementaram, ou estão em processo de implementação, de tecnologias para automação inteligente e controle de processos; porém, 50% das empresas locais sinalizaram interesse em adotar tais tecnologias futuramente.
- 80% das companhias locais de manufatura já implementaram, ou estão em processo de implementação, de segurança digital e gerenciamento de energia - globalmente, a adoção foi bem menor: 64%
- 57% das fabricantes brasileiras já implementaram, ou estão em processo de implementação, da torre de controle de manufatura, contra 63% globalmente;
- 63% dos entrevistados brasileiros dizem ter implementado, ou estar em processo de implementação, de tecnologias avançadas para manufatura, contra 49% do total global.
- 50% das companhias manufatureiras locais já implementaram, ou estão em processo de implementação, de tecnologias para engenharia colaborativa;
- 97% dos fabricantes brasileiros registraram crescimento do nível de produção total e do lucro, comparado a 2013;
- Para os respondentes brasileiros, os três aspectos da manufatura digital que mais impactam seus negócios são as Tecnologias Avançadas (70%), Automação Inteligente e Controle (53%) e Segurança Digital e Gerenciamento de Energia (53%);
- 41% do investimento digital das empresas manufatureiras locais é direcionado aos seus clientes e apenas 29% aos seus parceiros/fornecedores.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA
Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02. Centro Integrado de Pesquisa e
Pós-Graduação. Jardim Marco Zero, Macapá - AP. CEP 68.903-419.
nitt@unifap.br | +55 96 4009 2803 | www2.unifap.br/nitt

- Entre os aspectos mencionados pelas organizações locais como obstáculos para o gerenciamento da transformação digital destaca-se a resolução de problemas de integração das tecnologias digitais com infraestrutura preexistente.



Amazônia

[Sobre](#) [Opinião](#) [Notícias](#) [Multimídia](#) [Agenda](#) [Documentos](#) [Contato](#)

http://amazonia.org.br/2016/08/desenvolvimento-amazonia-nao-e-uma-tabula-rasa-entrevista-especial-com-daniela-alarcon/?utm_source=akna&utm_medium=email&utm_campaign=Not%EDcias+da+Amaz%F4nia+-+23+de+agosto+de+2016

Desenvolvimento: Amazônia não é uma tábula rasa. Entrevista especial com Daniela Alarcon

23 de agosto de 2016

“Precisamos parar de entender a Amazônia como o quintal da região Centro-Sul do Brasil, porque ela sempre foi vista como um lugar a ser desenvolvido, fazendo-se tábula rasa de tudo que existe ali”, adverte a pesquisadora.

Apesar de o Ibama ter cancelado o processo de licenciamento da hidrelétrica de São Luiz do Tapajós, alegando inviabilidade ambiental, outros empreendimentos continuam em curso na região, compondo o grupo de projetos de infraestrutura e rotas logísticas na bacia do Tapajós. Entre eles, destaca-se a construção da hidrovia Teles Pires-Juruena-Tapajós, que “é voltada para o escoamento de commodities e surge do interesse do setor do agronegócio de encurtar as rotas logísticas existentes nesse processo e, assim, reduzir os seus custos”, informa Daniela Alarcon à IHU On-Line, na entrevista a seguir, concedida por telefone.

Segundo ela, essa proposta está vinculada à criação de portos no Norte do Brasil, especialmente na região amazônica, que encurtariam as rotas internas e externas de exportação. “Nossa crítica é de que esse projeto vê a Amazônia como um espaço de que se pode dispor economicamente sem levar em conta o quão intrincado é esse bioma, sem levar em conta a multiplicidade de sujeitos que vivem nessa região, ou seja, é um olhar sobre a Amazônia a partir de certa ideia de desenvolvimento”, afirma.

Daniela Alarcon é uma das organizadoras do livro, recém-lançado, Ocekadi. Hidrelétricas, conflitos socioambientais e resistência na Bacia do Tapajós, que compila uma série de artigos inéditos que apresentam as implicações de empreendimentos na região amazônica, entre eles, os que visam à extração mineral. Até o momento, diz, o subsolo da Bacia do Tapajós “já foi todo distribuído com pedidos de concessões apresentados ao Departamento Nacional de Produção Mineral”, porque várias empresas já estão “interessadas nessas áreas”, que são “riquíssimas em recursos minerais”.

Daniela Alarcon é doutoranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestra em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília –



UnB, com especialização em Estudos Comparados sobre as Américas, e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de São Paulo – USP.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como você recebeu a notícia de que o Ibama cancelou o processo de licenciamento da hidrelétrica de São Luiz do Tapajós, por conta da inviabilidade ambiental do empreendimento?

Daniela Alarcon – Em um cenário bastante adverso, essa foi uma boa notícia, que demonstra que esse é um projeto insustentável em vários sentidos. Essa decisão é resultado de um esforço muito grande e de muita pressão de indígenas, ribeirinhos e de outros sujeitos que estão denunciando esse projeto. Apesar de essa ser uma notícia positiva, o entendimento que se tem é de que as pessoas devem seguir mobilizadas para evitar futuras manobras que podem levar à continuidade do projeto.

Pelo que estou acompanhando até o momento, não há a possibilidade de retomarem o projeto, mas sabemos que os projetos revivem com outros nomes e características e, nesse sentido, o de Belo Monte é bastante emblemático, porque era o antigo projeto Cararaô, que ressurgiu com o nome de Belo Monte. Então, é preciso ficar alerta aos projetos minerais, hidrelétricos e do agronegócio na Bacia do Tapajós, para além desse empreendimento específico.

IHU On-Line – Em que consistem os planos e projetos de rotas logísticas na bacia do Tapajós, como o de implantação da hidrovia Teles Pires-Juruena-Tapajós? Em que momento e por quais razões surge esse projeto?

Daniela Alarcon – O projeto de hidrovia é voltado para o escoamento de commodities e surge do interesse do setor do agronegócio em encurtar as rotas logísticas existentes nesse processo e, assim, reduzir os seus custos. Hoje os portos de Santos (SP) e de Paranaguá (PR) são muito movimentados e têm uma capacidade limitada, então, surgem essas propostas de criar portos no Norte do Brasil, na Amazônia, o que encurtaria tanto as rotas internas como as externas para exportação dos produtos brasileiros. O projeto de construção de uma hidrovia no Tapajós vem nesse esforço que já existe há alguns anos. Nossa crítica é de que esse projeto vê a Amazônia como um espaço de que se pode dispor economicamente sem levar em conta o quão intrincado é esse bioma, sem levar em conta a multiplicidade de sujeitos que vivem nessa região, ou seja, é um olhar sobre a Amazônia a partir de certa ideia de desenvolvimento.

Impactos

Esse projeto prevê a transposição de uma série de cachoeiras, porque o rio Tapajós é bastante encachoeirado, principalmente no curso superior. Portanto, é um projeto que demandaria muitas intervenções em um bioma muito complexo e pouco conhecido; inclusive, é difícil falar



de todos os impactos de um projeto como esse, porque ele prevê uma interferência enorme em um ambiente que sequer é razoavelmente conhecido.

Os portos, que ficariam na ponta da hidrovia, já vêm acarretando impactos profundos. Basta lembrar do incidente que ocorreu em Barcarena (PA), quando um navio com milhares de bois naufragou, acarretando muitos impactos socioambientais. Mas mesmo quando desastres como esse não acontecem, a presença dos portos já representa maior especulação imobiliária e avanço em áreas tradicionalmente já ocupadas. Teríamos um impacto não só da hidrovia ao longo do rio, mas do próprio surgimento dos portos, dado que as empresas interessadas em explorá-los já estão adquirindo uma série de terrenos à beira do rio e populações estão sendo deslocadas para isso.

A população tem se posicionado contra esses empreendimentos porque tem uma relação muito íntima com o rio, tanto do ponto de vista da sua sobrevivência como do deslocamento, porque é do rio que eles tiram seu sustento. Nesse grande quadro de rota logística, também existe o projeto de asfaltamento da BR-163, que está sendo realizado no oeste do Pará, que é apresentado como uma região sem gente, um vazio demográfico.

IHU On-Line – Qual é a previsão para a realização desse projeto? A perspectiva é que ele seja desenvolvido pelo setor público ou privado?

Daniela Alarcon – Esse projeto surge de uma pressão muito forte do setor privado, mas quem arcaria com os custos logísticos, como estabelecimento de eclusas, por exemplo, seria o setor público, e essa é uma das críticas feitas ao projeto, porque ele visa beneficiar apenas um determinado segmento da população e exige recursos muito altos do setor público. Em relação a todos esses projetos, é importante frisar que, mesmo quando são financiados pelo setor privado, recebem um forte incentivo do BNDES.

A informação mais recente sobre os avanços no processo de implementação da hidrovia não é tão recente assim: é de novembro do ano passado, quando a Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Câmara dos Deputados aprovou um projeto que autoriza o aproveitamento hidroviário dos rios Tapajós, Teles Pires e Juruena. Enquanto isso, os defensores da hidrovia não estão parados; seguem em intenso lobby. Com as recentes mudanças feitas no governo, ainda não sabemos o que vai acontecer com esses projetos.

IHU On-Line – Como estão os pedidos de concessão para a exploração minerária na região? Quais empresas já demonstram interesse na extração mineral no entorno do Tapajós?

Daniela Alarcon – Imaginamos que no Tapajós a situação não será diferente do que acontece no entorno de Belo Monte, onde a empresa Belo Sun pretende explorar minérios na Volta Grande do Xingu. A bacia do Tapajós é riquíssima em recursos minerais, e o seu subsolo já foi todo distribuído com pedidos de concessões apresentados ao Departamento Nacional de Produção Mineral (Ver mapa 1). O estabelecimento de usinas hidrelétricas nessa bacia seria algo extremamente interessante para os setores que buscam explorar essas jazidas. É bom



lembrar que há uma pressão intensa para alterar o Código de Mineração, que, se fosse adiante, passaria a permitir a mineração em terras indígenas e unidades de conservação. O Tapajós é uma região com várias áreas indígenas e de conservação e já há muitas jazidas minerais identificadas.

Várias empresas já estão interessadas nessas áreas (Ver mapa 4). Os mapas — que montamos a partir de dados públicos — mostram vários quadrados e retângulos que se sobrepõem e todos esses são pedidos de exploração mineral e de concessão mineral — alguns já concedidos e outros requeridos — a empresas como a Vale, Anglo American Niquel Brasil, Brazauro Recursos Minerais etc.

IHU On-Line – Como avalia as declarações de que a construção da hidrovía Teles Pires-Juruena-Tapajós ajudaria a acabar com a situação injusta que hoje penaliza os que vivem na região e os produtores?

Daniela Alarcon – É preciso desconstruir essa ideia de que a Amazônia é uma região pobre, porque a ideia de pobreza é algo socialmente construído. Na Amazônia moram pessoas que vivem em ambientes que elas conhecem profundamente, dos quais retiram sua sobrevivência e têm um modo de vida de baixíssimo impacto, e isso muitas vezes é erroneamente qualificado como pobreza. É preciso ver que os grupos humanos estabelecem formas de viver que não necessariamente devem ser parâmetros uns para os outros.

Portanto, vejo nessa declaração o interesse de convencer a população, de modo mais amplo, da necessidade de realização de um projeto que é ligado claramente a alguns setores econômicos, que não visam beneficiar a sociedade regional, porque no máximo essa população será incorporada em algum desses projetos como mão de obra precarizada, como já estamos assistindo em outros contextos. Basta ver a situação de Altamira hoje.

A hidrelétrica de Belo Monte foi apresentada como a grande salvação para o município, e hoje a cidade já sente o baque do fim daquele momento das obras. Então, vejo esse tipo de afirmação como uma tentativa de convencer pessoas que são pouco familiarizadas com o contexto do Pará para se tentar vender projetos que são ligados a interesses muito restritos.

IHU On-Line – Que abordagem deveria se dar para região amazônica? Que tipo de desenvolvimento você considera que seria adequado para a região?

Daniela Alarcon – Em primeiro lugar, precisamos parar de entender a Amazônia como o quintal da região Centro-Sul do Brasil, porque ela sempre foi vista como um lugar a ser desenvolvido, fazendo-se tábula rasa de tudo que existe ali. Existem iniciativas interessantes de pessoas que estão desenvolvendo atividades de baixo impacto e que poderiam ser mais apoiadas, mas, em primeiro lugar, o que está na raiz de um projeto de desenvolvimento para a Amazônia é a garantia dos territórios tradicionalmente ocupados, porque estamos falando de populações que não têm sequer o seu direito à terra garantido.



Se quisermos falar realmente de um desenvolvimento na Amazônia, a primeira coisa a ser feita é garantir a demarcação das terras indígenas, a criação e manutenção adequada das unidades de conservação, onde já vivem pessoas que garantem a permanência da floresta em pé. A fórmula mágica de pensar a partir do Centro-Sul, que não leva em conta os interesses e desejos das pessoas que vivem na Amazônia, está fadada ao fracasso, é autoritária e equivocada, porque essas populações detêm conhecimento profundo sobre esses territórios e, portanto, se alguém tem condições de desenhar formas de se viver melhor na Amazônia, são as pessoas que vivem ali, no marco de um debate público que não venha impor um projeto salvador para a Amazônia.

IHU On-Line – Quais são as comunidades indígenas que vivem no entorno da bacia hidrográfica do Tapajós e quais são os impactos já identificados caso esses projetos sejam realizados?

Daniela Alarcon – Existem numerosas terras indígenas na bacia do Tapajós, habitadas por povos como os Munduruku, Kaiabi, Apiaká, e há inclusive registros de possíveis povos sem contato.

Evidentemente, os impactos dos barramentos não seriam os mesmos para todos os grupos que vivem nessas áreas. Se, de um lado, a Terra Indígena – TI Maró, habitada pelos Borari e Arapium, situa-se no baixo curso do Tapajós, o que a levaria provavelmente a sofrer impactos mais reduzidos, de outro, há situações como a da TI Manoki, habitada pelo povo de mesmo nome, onde incidem 11 pequenas centrais hidrelétricas – PCHs, e a da TI Sawre Muybu, habitada pelos Munduruku, que teria uma porção alagada por São Luiz do Tapajós.

No que diz respeito à situação dos ribeirinhos, a invisibilidade é ainda maior que a dos indígenas. Há numerosas comunidades tradicionais espalhadas pela região, dentro e fora de Unidades de Conservação, e não há sequer um levantamento mais ou menos exaustivo sobre as mesmas.

Por: Patricia Fachin

Fonte: IHU On-Line



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA
Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02. Centro Integrado de Pesquisa e
Pós-Graduação. Jardim Marco Zero, Macapá - AP. CEP 68.903-419.
nitt@unifap.br | +55 96 4009 2803 | www2.unifap.br/nitt



<http://www.inova.unicamp.br/inovajovem/programa-inova-jovem-prorroga-inscricoes-para-o-workshop-de-design-thinking/>

Programa Inova Jovem prorroga inscrições para o Workshop de Design Thinking

23.08.2016

Ficam abertas até quinta-feira, dia 25, as inscrições para o Workshop de Design Thinking do Programa Inova Jovem 2016. A capacitação está marcada para ocorrer no sábado, dia 27, a partir das 9h, no Auditório 5 da FCM (Faculdade de Ciências Médicas) da Unicamp. O palestrante será Luiz Borges, da 3M.

O evento contará com uma dinâmica. É indicado que os alunos inscritos levem materiais para auxiliar na atividade, como: papéis coloridos, tesoura, lápis, giz de cera, canetinha, fitas adesivas, tampinhas de garrafa, canudo, palito de sorvete, massinha de modelar, entre outros materiais.

As inscrições devem ser feitas pelo site do Inova Jovem (<http://www.inova.unicamp.br/inovajovem/workshop-de-design-thinking/>).

Programa Inova Jovem 2016

O Inova Jovem 2016 é uma competição de empreendedorismo, idealizada pela Agência de Inovação Inova Unicamp e destinada aos alunos dos Colégios Técnicos do Estado de São Paulo. Este ano, patrocinam o evento Banco do Brasil, Embraer, Griaule, IMA – Informática de Municípios Associados, MATERA Systems, 3M e Movable.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE TECNOLOGIA
Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02. Centro Integrado de Pesquisa e
Pós-Graduação. Jardim Marco Zero, Macapá - AP. CEP 68.903-419.
nitt@unifap.br | +55 96 4009 2803 | www2.unifap.br/nitt



Estratégias
de negócios
e TI para
líderes
corporativos

<http://cio.com.br/gestao/2016/08/24/inovacao-cinco-passos-para-passar-da-teoria-a-pratica/>

Inovação: cinco passos para passar da teoria à prática

Veja por onde começar a desenvolver projetos inovadores de modo a conquistar a adesão de suas equipes

James Todhunter, CIO/EUA

Publicada em 24 de agosto de 2016 às 19h18

Conhecimento é a matéria-prima da inovação. Quando identificamos uma oportunidade ou um desafio, tudo o que aprendemos, incluindo nossa experiência cultural, ajuda a criar uma solução. Desde o que aprendemos na escola, até os costumes da comunidade em que vivemos, tudo serve para moldar essas reações, mas raramente essa base é gerenciada de maneira adequada pelas companhias nas quais atuamos.

Prova disso está no fato de que grande parte das empresas armazena suas informações mais estratégicas e críticas nas mãos (ou na mente) de seus executivos, sem documentá-las oficialmente. Assim, não é de espantar que muitas companhias, hoje, estejam extremamente preocupadas com os processos de sucessão de seus altos executivos, principais detentores de informações corporativas.

Com a intenção de resolver tal problema, as organizações têm investido na capacitação de seus funcionários. A iniciativa é louvável, certamente, mas ignora o principal ponto fraco das empresas: os modelos de documentação, armazenamento e acesso aos dados importantes. De nada adianta trazer conhecimento externo para a companhia se essas informações também ficarão concentradas apenas na mente de poucos.

O cenário descrito explica o motivo pelo qual as organizações ainda sofrem na busca pela inovação. O modelo de tratamento do conhecimento dentro das companhias precisa mudar, com o intuito de que os colaboradores tenham acesso às informações realmente importantes a suas rotinas. Só assim poderão unir esses dados a suas bagagens culturais e, então, desenvolver ações realmente inovadoras.

Remover, de fato, as barreiras ao conhecimento é a chave para o sucesso das políticas de inovação. Todos colaboradores devem acessar as mesmas informações e discutir como cada um as interpreta. Só assim é possível criar algo novo.

Vale ressaltar que o simples bombardeio das pessoas com dados não representa um avanço. É preciso garantir a qualidade do conhecimento disponibilizado e sua adequação à realidade da companhia.



Na realidade, são poucas as atividades práticas para implementar ações e projetos inovadores nas companhias. Consideradas complicadas ou, no mínimo, trabalhosas, as iniciativas que têm como objetivo esse estímulo ao pensamento inovador assustam gestores e, por isso, acabam deixadas de lado.

Na maioria dos casos, embora concordem e conheçam os benefícios proporcionados pelo estímulo a ações inovadoras, os líderes não sabem ao certo “por onde começar” a desenvolver esses projetos de modo a conquistar a adesão de suas equipes.

Para nortear esse caminho rumo à inovação, seguem algumas dicas apontadas por executivos que lideraram projetos de sucesso:

1. Comece devagar: identifique o objetivo final do projeto e elabore as etapas que deverão ser percorridas para alcançá-lo. Então, fixe a próxima fase como meta para a equipe que trabalhará na iniciativa. Essa atitude fará com que o time fique mais motivado, na medida em que enxergar o propósito de suas ações de forma mais imediata;
2. Incorpore o exercício de inovar à rotina: passe a olhar todos os aspectos de sua vida de forma mais questionadora, pensando em maneiras de melhorar as questões do próprio dia a dia. Assim o conceito de inovação começará a ser desmistificado;
3. Use o que tem: não desperdice dados que a empresa detém sobre clientes, produtos, processos e projetos. Todas as informações são fontes de ideias;
4. Foque no valor agregado: toda ação tem como objetivo levar valor ao consumidor e à companhia. Por isso, essa premissa não pode ser esquecida em nenhuma etapa do desenvolvimento dos projetos de inovação e deve ser checada a cada dia de trabalho, para que a equipe não perca o direcionamento correto;
5. Convença o board: com o apoio do alto comando corporativo as ações de inovação serão mais aceitas nas esferas mais baixas da pirâmide organizacional. Mostre, principalmente ao CFO e CEO, as vantagens que a incorporação dessa nova cultura poderá trazer aos resultados do negócio e, certamente, receberá todo o aval necessário para implementá-la.